



A VALORIZAÇÃO DE SUJEITOS NÃO-BRANCOS NA CONSTRUÇÃO DE SANTA CRUZ DO SUL/RS: COMO ENSINAR E APRENDER HISTÓRIA LOCAL PARA ALÉM DOS MITOS FUNDANTES

Yasmin Daniella D'Avila

Universidade Federal de Santa Maria

Eixo 2 – Educação, Cultura e Produção de Sujeitos

Este relato de experiência baseia-se em ações pedagógicas desenvolvidas em uma turma de 1º ano do Ensino Médio da rede privada de Santa Cruz do Sul/RS e expõe algumas inquietações que me incentivaram a cursar o Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), na Universidade Federal de Santa Maria. Nesta escola, durante o 2º trimestre do ano de 2021, ocorria um projeto interdisciplinar com o objetivo de promover ações de combate à fome no município e, com as pautas levantadas pelos estudantes, elencou-se a necessidade de compreender como se formou e se configurava a desigualdade social neste espaço. Assim, no componente curricular de História, iniciamos os estudos sobre a formação de Santa Cruz do Sul.

A partir desse momento surgiram muitas dúvidas enquanto docente, pois Santa Cruz do Sul é perpassada por um “mito fundante”, que coloca a colonização e a construção do município como mérito dos imigrantes europeus, excluindo e invisibilizando os demais grupos étnicos que participaram direta e indiretamente do processo de constituição deste povo e seu território.

Existem estudos que comprovam a existência de pessoas das mais diversas etnias na formação do município¹, assim como também encontramos diversos movimentos autônomos em Santa Cruz do Sul que questionam a narrativa hegemônica². Movimentos e pesquisas que buscam denunciar as mazelas que tais “mitos fundantes” produzem até a atualidade e evidenciar que o município é formado por diversas etnias. Ou seja, há uma preocupação de algumas comunidades dentro deste espaço em problematizar a narrativa única.

Essas inquietações são perpassadas teoricamente pelos estudos decoloniais. Esta corrente teórica surgiu como uma forma de problematização dos estudos pós-coloniais. Academicamente, a teoria decolonial é recente surgiu nos fins do século XX em universidades da América Latina e Caribe (OLIVEIRA; LUCINI, 2021. p. 3). Contudo,

enquanto prática cotidiana, a luta contra a colonialidade nos acompanha durante todos os processos coloniais e de colonialidade, históricos e atuais. Onde há uma tentativa de imposição de alguma forma de hegemonia, há sujeitos dissidentes. A decolonialidade não é apenas um pensamento teórico, mas é ação cotidiana, modo de ver o(s) mundo(s) (BALLESTRIN, 2013. p. 110).

Frantz Fanon, intelectual martinicano, buscava entender como a colonialidade opera sobre a mente dos indivíduos. Ele afirma que: “Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.” (FANON, 2008. p. 34)

Fanon discorre sobre como a colonialidade submete os indivíduos, não necessariamente pelo uso da força. O psiquiatra analisa relações familiares, as diferenciações entre homens e mulheres, sejam colonos ou colonizados, as relações com a linguagem, para concluir que o mundo colonialista funciona a partir de uma única lógica, de submissão de alguns indivíduos em detrimento da valorização de uma cultura. Geni Núñez, doutora em Psicologia e indígena, em seu ensaio “Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário”, também discute tais questões e lança mão do conceito de monocultura, resultado do colonialismo que necessita excluir outras formas de ser para se constituir como superior e se legitimar até os dias atuais. Assim, é aceito apenas uma espiritualidade, uma ideia sobre gênero, uma forma de conceber a natureza, um tipo “único” de ser humano (NÚÑEZ, 2021. p. 2).

A partir das concepções de humanidade construídas pela ótica ocidental branca, institui-se as concepções binárias e antagônicas (civilizados e incivilizados), que permeiam a atualidade, mas que se iniciam com a colonização das Américas, ganhando reforços teóricos com a modernidade (NÚÑEZ, et al, 2021. p. 157).

Analisando a constituição da história de Santa Cruz do Sul e a forma como a mesma é ensinada até os dias atuais nas escolas, é possível refletir sobre o lugar que os demais grupos étnicos que não se enquadram no campo dos “imigrantes”. Se a narrativa hegemônica da colonização se dá apenas a partir da chegada dos imigrantes e é a única difundida e aceita, então ela é a civilizadora, a ideal. Em contrapartida, as outras etnias não são mencionadas nessa narrativa, “inexistem” para esse discurso, estão à margem, silenciadas e invisíveis. “É frequente que no pensamento colonial se considere apenas determinados humanos como sujeitos de direitos, ou seja, apenas alguns seres teriam direito à dignidade, à saúde, à vida” (NÚÑEZ, 2021. p. 162). O discurso dominante não

permite a coexistência de narrativas. A colonialidade não permite que se conte uma história múltipla, onde todos têm um passado porque para a colonialidade o passado é branco e europeu.

Os pesquisadores Mozart Linhares da Silva e Viviane Inês Weschenfelder, ao analisarem a construção da identidade afrodescendente nos espaços educativos de Santa Cruz do Sul, frisam que a escola é uma importante instituição de construção do sentimento de pertencimento dos sujeitos, ao mesmo tempo em que é a extensão da sociedade em que está inserida. Os autores colocam que os mitos fundadores da região e as estereotípias que os mesmos produzem, sejam sobre a população branca como também sobre os não brancos, atravessam o ambiente escolar (SILVA; WESCHENFELDER, 210. p. 278).

Aqui apresenta-se a problemática que embasou essas investigações dentro e fora de sala de aula: “Qual a participação dos grupos étnicos “não-europeus” na formação do município de Santa Cruz do Sul?”. As situações de aprendizagens propostas aos estudantes tinham como objetivo que os mesmos construíssem suas próprias respostas ao questionamento proposto.

A turma iniciou seus estudos com a apresentação de informações sobre a “colonização” de Santa Cruz do Sul de forma expositiva, seguida da análise de relatos, documentos, cartas e fotografias das primeiras décadas da cidade. Após isso, analisou-se o hino do município e quais etnias são representadas ali. Observou-se então que os relatos, muitos citando contato com povos indígenas, não correspondem à versão “oficial” contada em múltiplos espaços da cidade.

Em um momento posterior, selecionei dez textos, entre fontes do IBGE e artigos acadêmicos, que falassem da região do município a partir da participação de diferentes povos. Os estudantes, divididos em grupo, discutiram tais leituras e foi organizado um pequeno paper coletivamente. Este documento tinha como objetivo sistematizar as leituras acadêmicas realizadas e as interpretações dos estudantes, além de embasar teoricamente a construção da atividade final.

Por fim, em conjunto com a disciplina de Técnico em Informática, os estudantes realizaram um jogo em HTML que representasse o contexto da formação de Santa Cruz do Sul. Os educandos deveriam apresentar no mínimo dois grupos étnicos que encontramos nos relatos e investigações anteriores, ou seja, deveriam evitar a hegemonia de narrativas. Além disso, o jogo deveria ser interativo, de forma que o participante pudesse tomar escolhas que o levassem à outras partes da história.

Os jogos produzidos pelos estudantes mesclam questões históricas com muita criatividade e criticidade. Um exemplo da consolidação das atividades e questionamentos propostos pode ser observado na abertura de um jogo, onde se mostra: “Nesse jogo iremos falar sobre a colonização no município de Santa Cruz do Sul. Mostraremos que, algumas vezes, precisamos rever nossos conceitos de “heróis” e no decorrer da atividade, onde o participante é exposto a informação: “Na Internet você encontrou muitas coisas que ressaltam os colonizadores e os heróis, no entanto, não foi o que apareceu na carta escrita que você leu, por isso você decidiu procurar mais sobre a aldeia que estava escrita na carta.” Exploram os relatos estudados e em alguns casos até fontes históricas, como é o caso do mesmo jogo citado anteriormente, onde o desafio era encontrar outras partes de uma antiga carta encontrada no apartamento de sua avó que falava sobre indígenas na região do Vale do Rio Pardo.

Não é possível afirmar que essa sequência de atividades cumpriu com todos os seus objetivos ou que a problematização se deu de forma certa para todos os estudantes. A partir das situações de aprendizagem acima descritas é possível perceber que o “mito fundante” precisa ser cada vez mais problematizado. Uma única narrativa não é mais facilmente aceita entre os educandos, uma vez que a compreensão sobre a história do município partiu dos estudantes, assim como muitas das problematizações aqui descritas partiram da turma coletivamente. Além disso, é visto a importância de estudos sobre o tema que façam a transposição didática e o diálogo entre o que é produzido pela academia e o que chega nas instituições de ensino da Educação Básica para que possa se ensinar sobre História Local de forma crítica e diversa.

Notas:

¹ Como referências que mencionam outros grupos étnicos no território de Santa Cruz do Sul, posso citar os trabalhos: a) O trabalho de Guilherme Spindler, Roberto Radunz e Olgário Vogt comprovam a existência de escravos na colônia de Santa Cruz do Sul e discutem os aspectos e características dessa escravidão. In: SPINDLER, Guilherme Würdig; RADUNZ, Roberto; VOGT, Olgário Paulo. Escravos na povoação de Santa Cruz na segunda metade do século XIX. Revista Jovens Pesquisadores, Santa Cruz do Sul, 2016; b) João Paulo Reis Costa e João Paulo Eckert analisam a constituição da região serrana de Santa Cruz do Sul e sua população, que viviam principalmente da extração da erva mate nativa e por isso são denominados de mateiros. In: COSTA, João Paulo Reis.

Para além de um suposto “pioneirismo”: A constituição da serra e da população serrana na região de Santa Cruz, numa perspectiva de desenvolvimento regional. Globalização em Tempos de Regionalização – Repercussões no Território Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 2015 e ECKERT, José Paulo. O povo dos herveiros - entre o extrativismo e a colonização (Santa Cruz do Sul, 1850 - 1900). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em História, 2011. Dissertação (mestrado). Podemos também citar como exemplo de pesquisas que problematizam a constituição dos sujeitos não brancos e, principalmente, dos afrodescendentes em Santa Cruz do Sul, os trabalhos de Mozart Linhares da Silva, Viviane Inês Weschenfelder, Mateus Skolaude a Carolina Siqueira, dentre outros.

² Aqui faço referência ao Ateliê Vivências Urbanas e o coletivo Batalha do Centro, que traz discussões sobre negritude e urbanidades por meio de grafite, rap e hip hop; o Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial em Santa Cruz do Sul (COMPIR) e a Escola de Samba Acadêmicos do União.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, p. 89-117.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

NÚÑEZ, Geni.. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. **CLIMACOM CULTURA CIENTÍFICA - PESQUISA, JORNALISMO E ARTE**, v. ano 8, p. 01-08, 2021.

NÚÑEZ, Geni.; BARBOSA, A. ; GUEDES, M. F. ; OLIVEIRA, M. . Partilhar para reparar: tecendo saberes anticoloniais.. In: Rosa Maria Castilhos Fernandes e Angélica Domingos Kaingang.. (Org.). **Políticas Indigenistas: contribuições para afirmação e defesa dos direitos indígenas**.. 1ed.Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2021, v. 1, p. 153-167.

OLIVEIRA, Elisabeth de Souza; LUCINI, Marizete. O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência. **Boletim Historiar**, vol. 08, n. 01, Jan./Mar. 2021, p. 97-115

SILVA, Mozart Linhares; WESCHENFELDER, Viviane Inês. Sujeitos rasurados: uma análise da construção da identidade afrodescendente a partir dos espaços educativos no território do Rio Grande do Sul. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, vol. X, nº 1, p. 259-281, mar/2010.